

O caminho do afeto transfixado por uma professora de música em formação, e lúpica

Comunicação

Maria Madalena Souza Santos
Universidade Federal da Bahia
mmadalenasantos@gmail.com

Obadias de Oliveira Cunha
Universidade Federal da Bahia
obadias.cunha@ufba.br

Resumo: Neste texto tem-se como objetivo explicitar uma experiência vivida, por um de seus autores, enquanto licencianda em Música e paciente lúpica, refletindo sobre concepções do afeto nestes contextos. Respalda-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa, empregando-se as técnicas de Relato de Experiência (DALTRO E FARIA, 2019) e Análise Textual Discursiva (MORAES E GALIAZZI, 2006), para os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. Os principais autores que fundamentam o estudado são Larrosa (2019; 2022), Fiorin (2007), Penna (2017), Alcântara, Aguiar e Monteiro (2015), dentre outros. A análise aponta que no atravessamento do caminho do afeto marcas indeléveis foram deixadas, que a Música educa ensinando a viver, e a Educação, educando, faz também cantar, tocar, silenciar, vibrar.

Palavras-chave: Afeto, Formação do Professor de Música, Lúpus.

Introdução

Este é um trabalho entranhado de afetos, os quais poderão, por meio dos registros nestas páginas, ser conhecidos por todas as pessoas que possam, além de enxergar, ver, e que vendo, estejam sensíveis ao movimento da vida, e, sensibilizadas, não se furtem da oportunidade de introspecção e autoavaliação da maneira de viver.

Considerando eventuais ponderações a respeito do grau de relevância na produção de conhecimento a partir do relato de experiência, cabe observar o que diz Penna (2017)

[...] essa ideia é tendenciosa, na medida em que esquece que a ciência evolui pela articulação da indução - que vai do particular ao geral - com a dedução - que parte do particular para abordar o particular. Assim, conhecer a fundo uma realidade particular, concreta, pode dar base a discussões teóricas relevantes, que venham ajudar a compreender



realidades mais amplas e diversificadas. (PENNA, 2017, p. 39).

Esta pesquisadora se propõe, portanto, a apresentar um trabalho atendendo, dentro do possível, às exigências de originalidade e de contribuições significativas e inovadoras para a área do conhecimento, a partir de uma maneira própria de enxergar e compartilhar uma experiência.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar experiência vivenciada por esta licencianda em Música, e lúpica, refletindo sobre o afeto nesses contextos. Os objetivos específicos são: a) expor recorte de memorial da vida a partir das vivências nas áreas de Educação e Música, demonstrando fatos ocorridos nesse percurso, dentre os quais alguns considerados desafiadores por esta pesquisadora; e, b) conhecer as concepções de pessoas referente aos assuntos abordados.

O trabalho foi pensado na perspectiva de um caminho imaginário sendo atravessado. Assim, tomando alguns elementos que podem compor um caminho, os alinharei com o meu relato, de modo que o desmembrar do Caminho do afeto possa provocar, de algum modo, nos leitores, qualquer sensação de movimento, quer durante a leitura da descrição da Casa que se destaca no caminho, ao deparar-se com a Encruzilhada, que na maioria das vezes nos faz parar e pensar, ou ainda no necessitar da parada obrigatória no Posto de Abastecimento.

Antes de seguir, porém, chamo a atenção para como o afeto será visto aqui. De acordo com Fiorin (2007, p. 14), afeto é um hiperônimo, “o elemento de base, cujas manifestações são emoção, inclinação, paixão, sentimento”. Especificando a palavra afeto em termos etimológicos, à luz do que diz Houaiss (2000) citado e complementado por Francisco (2005), entendo que o afeto

Pode ser compreendido como “um estado psíquico ou moral (bom ou mau), afeição, disposição de alma, estado físico, sentimento, vontade” (Houaiss, 2000). O afeto decorre, via de regra, de estímulos externos ou de representações e fantasias estando, invariavelmente, dirigido a algo ou alguém. Afeto implica em uma relação dialógica, de reciprocidade, estabelecida entre o afetar e o ser afetado (HOUAISS, 2000 *apud* FRANCISCO, 2005, p. 170).

É partindo do entendimento dessa dialogicidade firmada entre as partes envolvidas,

que afetam e são afetadas, que tratarei o tema.

A Casa

Vivi minha primeira infância com minha família em uma casa de taipa que tinha candeeiro feito com lata de óleo; as roupas eram lavadas na bica, quaradas, enxaguadas no anil ou no sumo do patchouli; tinha quintal imenso, animais, e muito verde! E no meio da criação exuberante, a música, ressoante continuamente através das formas de vida ali presente. Nesse cenário, vivenciei o que Schafer (1933-2021) chamou de “Paisagem Sonora”, conceito que eu desconhecia na época. De acordo com Mateiro e Ilari (2011, p. 278), Schafer, nos finais da década de 1960, procurou despertar a consciência das pessoas sobre paisagem sonora, alertando-as para perceberem sons que julgavam importantes de serem ouvidos e que, com o passar do tempo, foram sendo de certo modo ignorados, a exemplo dos diversos sons da natureza.

A minha mãe era “professora leiga”, como era chamada na época, e esse título lhe conferiu a oportunidade de ter uma escolinha de ensino Primário, hoje Educação Infantil e Fundamental I. Nesse ambiente cresci, e cedo comecei a me envolver com a transmissão de conhecimento ajudando minha mãe no ambiente escolar antes mesmo de iniciar o curso que me faria, na época, professora formada, o curso de Magistério. Só muitos anos depois, ingressei na Universidade como graduanda em Música.

A Encruzilhada

Para o autor Nilton Bonder,

A encruzilhada é o lugar onde surge o desejo de “levantar, reconhecendo que há uma insatisfação que talvez te leve a fazer uma caminhada numa outra direção.” [...] O peregrino é alguém que se põe em movimento na vida por reconhecer que está numa encruzilhada. Uma vez nela, há duas atitudes a tomar: ficar parado, dizendo “bem me quer, mal me quer, o que eu perco, ou o que eu ganho, quais são meus riscos?” . Ou pôr-se em movimento sem saber para onde ir. (BONDER, 2008, p. 66)

Em 2008, iniciei o curso de Licenciatura em Música na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Por diversas questões pessoais e enfrentamentos, a

exemplo de ser metódica, me afastei dos estudos acadêmicos e conseqüentemente quase fui jubilada. Então me sobreveio um desafio bem grande: lidar com o lúpus eritematoso sistêmico (LES). Receber esse diagnóstico de doença, em 2016, foi, para mim, como uma abrupta pausa prolongada no meio da execução do primeiro movimento do Concerto para Clarinete e Orquestra de Mozart.

E foi nesse cenário sombrio que ela, a Música, reluziu ofuscantemente. Pensei: - E se eu retomar meus estudos? Será que ainda tenho chance? Compartilhei meu delírio com uma amiga, que foi ao Colegiado do Curso e conversou sobre a minha história. Prestar concurso para vagas residuais foi o caminho apontado, o trilhei.

Agarrei-me a essa possibilidade veementemente, impelida por melodias e harmonias geradas na alma, e que traziam à tona a esperança. Deu certo, eu vibrei! Naquele dia, ao terminar a prova e sair da sala, parei em frente ao banheiro, e chorei, agradecendo a Deus pelo novo tempo. Em meio às palavras de gratidão expressadas, decidi que o meu compromisso, a partir dali, seria com o processo, assumindo a responsabilidade de simplesmente ser.

Novos desafios surgiram; exemplificando, eu não conseguia mais tocar o clarinete pois ele se tornara pesadíssimo; as dores nas articulações das mãos eram intensas. Chegar nessa Encruzilhada da vida, parar, olhar, refletir e agir foi, naquele tempo, abstruso. Com certeza esse não foi o único, nem o último cruzamento com o qual me deparei enquanto peregrina.

Ah! Que lugar é esse que afeta, transfixando emoções, sentimentos, inclinações e paixões, e deixa marcas indelévels que podem ser vistas e tocadas?! Olhando assim, tudo parece tão difícil, impossível, solitário! Porém, nessa situação tensa, lá estavam eles, os anjos, meus amigos. Eu só precisei admitir que aceitava ajuda; e como as minhas forças haviam se esvaído, fui me deixando cuidar. Me render, passou sim, pela cabeça, porque seguir, naquele instante, significava dependência, e o meu orgulho não queria me deixar ver que o apoio ou suporte social é cíclico.

Mas enfim, expus-me ao movimento, inicialmente quase imperceptível, mas que foi se tornando evidente com o passar do tempo. Continuo me deixando mover, e essa minha vida em movimento tem feito outras vidas se moverem, porque entendo que é assim que



precisa ser: vida que se deixa inspirar e que inspira. E nesse tal Caminho do Afeto aprendi a, sempre que necessário, parar no Posto de Abastecimento para fazer sabe-se lá o quê.

O Posto de Abastecimento

O tempo do Estágio Supervisionado da Licenciatura em Música chegou! Havia tanto mistério, criado por mim, em torno desse momento! As minhas expectativas eram geralmente negativas, respaldadas pelo meu medo: medo de voltar para sala de aula, medo de não conseguir inspirar, medo de possível choque entre as gerações (minha e das crianças), medo...

Mas, em março de 2022, eu estava diante dos Estágios finais. O frio na barriga era quase palpável! Ocorreu então a primeira aula, a segunda, a terceira... Nesse contexto, a cada encontro meu com a turma, se tornava progressivamente latente a consciência da importância de me expor tendo sensibilidade para buscar perceber, na medida do possível, tudo o que me passasse, acontecesse, sucedesse, tocasse, afetasse, ameaçasse, ocorresse (Larrosa, 2022, p. 26).

Ah! Como os encontros nos Estágios me impulsionaram, energizaram, abasteceram! Alimentaram não apenas o meu intelecto, mas sobretudo os meus afetos! E o que dizer da imensa demonstração de carinho das crianças, a exemplo do abraço de A. e da forma carinhosa dele me chamar de “pró Madah”?! E do sorriso que conseguia “roubar” de JV.? E do desenho que AA. fez para mim?! E do brilho que vi nos olhos dos responsáveis na aula em que eles participaram conjuntamente?! Como canta o rei Roberto Carlos, “...emoções eu vivi”!¹

Olhares

Dialogando sobre o atravessamento do Caminho do Afeto, duas pessoas participaram deste trabalho por meio de entrevista semiestruturada. Cassiani e Almeida (2022) se referindo às abordagens feitas por Bragança (2021) no que concerne à produção de pesquisa (auto) biográfica diz que

¹ Disponível em: [Roberto Carlos - Emoções \(Áudio Oficial\)](#) Acessado em: 14 de jul. de 2023

[...] professores/as-pesquisadores/as inseridos/as neste campo de investigação preocupam-se, também, por valorizar a palavra ou as narrativas que são produzidas por crianças, jovens e idosos. [...] é possível constatar o compromisso político e social presente neste tipo de pesquisa que busca a construção de suas teorias sem desconsiderar o “conhecimento implicado com a vida, com as pessoas e com os contextos. (BRAGANÇA, 2021, informação verbal, *apud* CASSIANI; ALMEIDA, 2022, p. 11)

Assim, os Olhares que a seguir serão vistos poderão ser apreciados por causa da disposição de alguém de se expor, quer na insegurança do que dizer, nas dúvidas dos pensamentos, nos riscos do jogo das próprias palavras, na exposição de alguém para encontrar outro alguém.

Olhar Médico

A Dra. Paz² exerce a reumatologia há aproximadamente vinte e nove anos; não de qualquer forma, mas, como ela declarou logo no início da entrevista “é uma especialidade que eu faço por amor mesmo, gosto muito de ser reumatologista, não tem retorno financeiro, mas eu sou muito feliz como reumatologista”.

O meu contato com a Dra. Paz iniciou no período de investigação do lúpus. Foi ela quem, ao verificar os resultados de exames preliminares pedidos por especialista em outra área médica, identificou a necessidade de exames específicos, e os solicitou. Sobre o diagnóstico de LES, é importante observar que

A sintomatologia variada e complexa, característica do LES, contribui para a dificuldade na definição desse diagnóstico e, conseqüentemente, no estabelecimento da terapêutica adequada para seu controle. [...] O percurso, desde os primeiros sintomas até o diagnóstico, é um dos aspectos que repercute na forma como cada indivíduo reage à confirmação da doença. (ALCÂNTARA, AGUIAR E MONTEIRO, 2015, p. 79)

Na atuação médica hoje, 95% dos pacientes da Dra. Paz são portadores de doenças autoimunes. Ao ser interrogada a respeito de qual a sua concepção sobre afeto na relação médico-paciente, ela responde:

² Codinome

[...] a gente sabe que a doença autoimune tem um fundo emocional muito importante no desencadeamento da doença; a gente tem que ter um olhar mais sensível voltado para o doente, não pode ser só a relação técnica diagnóstico-tratamento, a gente tem que ter aquele olhar mais voltado para a parte emocional. (PAZ, entrevistada)

Convidada a fazer uma reflexão a partir de suas experiências sobre o afeto no acompanhamento de pacientes lúpicas/lúpicos, a Dra. Paz diz que, ao longo dos anos exercendo a reumatologia, o que lhe rendeu “experiência clínica e maturidade pessoal e profissional”, ela se percebe hoje uma pessoa com

[...] um olhar muito mais voltado para o afeto do que para a parte física e técnica. [...] observo que, no lúpus, o componente emocional sempre é muito importante [...] Então, se a gente não abordar essa parte, você pode passar mil medicações que a pessoa não melhora”. (PAZ, entrevistada).

Especialmente em relação aos pacientes crônicos, como é o caso das pessoas com lúpus, as quais precisam de um acompanhamento médico regular, havendo indiferença quanto a conscientização de que a demonstração de afetos positivos são essenciais nessa relação, haverá provavelmente prejuízos no processo de tratamento dos doentes envolvidos. Vale destacar que, quando há a manifestação de bons afetos na relação médico-paciente, os benefícios dela provenientes afetam ambas as partes. A Dra. Paz encerrou a entrevista declarando que

[...] agora, com trinta anos de experiência clínica, eu mudei muito, e o que me fez mudar realmente foram os pacientes, essa vivência, essa troca, porque ao mesmo tempo que você está ofertando, tentando puxar uma pessoa pra cima, eu também estou me melhorando, acaba sendo uma troca; e depois quando a pessoa retorna para consulta e eu vejo que a pessoa está bem melhor, eu fico muito mais satisfeita; essa alegria, esse prazer, não tem preço. (PAZ, entrevistada)

Olhar Docente

A professora Alegria³ exerce a docência na área de Música há 25 anos. O diálogo, antes de iniciarmos de fato a entrevista, foi descontraído. A pergunta - Qual a sua concepção sobre afeto na relação professor-aluno? - foi a primeira questão a ser levantada. Ela

³ Codinome

responde:

[...] para a área da neurologia, a emoção e o sentimento têm uma forte influência no raciocínio da gente; então, é indispensável para o nosso processo de pensar, no processo de aprendizagem; ele é indissociável da vida. O afeto realmente tem uma posição fundamental nessa relação. (ALEGRIA, entrevistada)

Para ela, o afeto é essencial em todas as relações, e faz referência a conceitos ancestrais, citando como exemplo o termo africano *ubuntu*, o qual carrega em si a premissa de que, "eu só posso ser, se antes nós formos;" e ela continua dizendo que "nós somos o reflexo da interação que a gente tem com as pessoas. E no contexto de ensino e aprendizagem, a gente guarda muito intimamente as experiências que nos atravessaram através do afeto."

A professora Alegria explica que os níveis de autoestima têm relação com encorajamento e estímulos recebidos, e acrescenta:

[...] o professor tem que ter uma postura afetiva em relação aos seus alunos, para motivar e fazer com que a aprendizagem aconteça da melhor forma possível, criar um ambiente de segurança, de acolhimento, onde o aluno se sinta seguro para errar principalmente; porque quem tem medo do erro não se arrisca, aprende menos. (ALEGRIA, entrevistada).

Nesse sentido, é importante ter em mente o que Melo (2016) citando Amorim e Navarro (2012), diz:

[...] o afeto do professor e a sua sensibilidade irão influenciar na maneira de agir de seus alunos. [...] quando a criança nota que o professor gosta dela, e que esse educador apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitudes democráticas, a aprendizagem torna-se mais facilitada. Isso pode então fazer com que o vínculo afetivo ocorra entre professor e aluno. (AMORIM, NAVARRO, 2012 *apud* MELO, 2016, p. 33).

Uma vez compreendendo o ponto de vista da professora Alegria sobre o afeto na relação professor-aluno em termos gerais, lhe interrogo a respeito de seu entendimento sobre o papel do afeto, numa relação mais específica, a saber, no contexto professor-orientador e estagiário. Considerando muito importante a abordagem, ela explicita que "discutir sobre isso num curso de formação de professores é na verdade contribuir para uma sociedade escolar mais acolhedora, mais afetiva, onde os afetos vão fazer toda a diferença

nessa dinâmica da escola.” Para ela, é necessário sempre buscar estabelecer um clima de confiança na relação com cada orientando, pois isso favorece a aprendizagem.

De acordo com Melo (2016) citando Andersen (2014, p.34) “educação e afeto são duas coisas inseparáveis.” Parece-me que os efeitos dessa parceria, educação e afeto, podem transcender a razão, em se tratando do/da docente no pleno ato pedagógico. Para Leite (2018), ao tratar sobre a abordagem do “Compromisso com estar a serviço do outro”, referindo-se à prática docente, diz que “o professor deverá compreender seu papel como servidor de seus alunos, doando o que possui de melhor, incluindo a si mesmo e seu lugar de desejo” (LEITE, 2018, p. 241).

Finalizando a entrevista, pergunto a professora Alegria se deseja acrescentar considerações. A essa questão ela responde: “Quero. [...] veja bem... não sei nem por onde começar, vou tentar ser bem concisa, mas realmente eu não sei nem por onde começar!” De acordo com Larrosa (2022) “A experiência tem a ver com o não saber, com o limite do que sabemos. Na experiência sempre existe algo de “não sei o que me acontece” [...] Na experiência sempre existe algo de “não sei o que dizer [...]” (Larrosa, 2022, p. 69). Penso: parece que esse tal Caminho do afeto tem mesmo força de afetar mutuamente as pessoas! E continuo acompanhando o Olhar da entrevistada: “[...] durante a pandemia [da COVID-19] algumas coisas mudaram em termos de autoavaliação [...] foi um convite à reflexão, apesar de tudo de ruim que aconteceu, mas deixou um saldo assim de introspecção e de avaliar melhor a nossa vida.”

Ela conta então que durante o período da pandemia, ficou sem poder sair de casa, e que, as aulas remotas de Estágio Supervisionado eram praticamente os únicos encontros que ela tinha, e eles faziam a diferença em sua vida. De acordo com Andrade (2007) *apud* Melo (2016, p. 34) “O professor precisa estabelecer uma relação afetiva com os alunos e que perceba que como indivíduo, seus alunos também têm algo a oferecer e que a aprendizagem se faz por intermédio das interações que são estabelecidas”.

Sem dúvida a professora Alegria, bem como tantos outros professores encontrados no meu caminho estudantil percorrido até aqui, me inspirou muito! Considero que na relação professor-aluno há aprendizado mútuo.



Marcas Indeléveis

Nos 15 anos de caminhada como licencianda, em alguns momentos parei, cheguei até a desistir por um tempo, mas retornei. E nesse processo de retomada decidi que a partir dali eu não me limitaria a simplesmente fazer experimentos; eu decidi que romperia meus limites, enfrentaria meus medos, aprenderia a vivenciar as estações da vida reconhecendo o valor de cada estação, sem esquecer que elas vêm e vão, com a maturidade de quem discerne os processos. Eis adiante exemplos de transfixações.

Quadro 01: Recorte - Relato de Aula 01⁴

A primeira aula a ser ministrada geralmente traz uma ansiedade: será que todo mundo vai? Será que as crianças vão gostar das atividades? Será?... Em meio a tantas interrogações, faltando dois dias para o início das aulas, chega o momento da minha filha dar à luz. Então, no dia 17 de agosto de 2022, cedinho, damos entrada em uma maternidade de Salvador - BA. Meu neto nasceu aos 46 minutos do dia 18 de agosto de 2022. Meu corpo reclamou da agitação intensa, e as dores me atacaram acentuadamente de modo que precisei deixar minha filha sob cuidado de amigas na maternidade, e ir para casa descansar. O pensamento da possibilidade de não conseguir dar aula no dia seguinte pairou sobre a minha mente e me preocupei, mas deitei e dormi. Manhã de sexta-feira, dia 19 de agosto de 2022, acordo após 10 horas de sono. O corpo ainda doía mas não me impediu de estar com minha turma. Revisei o plano, ajustei algumas coisas. [...] Agradei, no final da aula, a Deus, pelo renovo constante das forças, e por me proporcionar a grata oportunidade de iniciar mais um semestre, dessa vez sem medo.

Os dias supramencionados foram muito intensos: planejamentos, recepção do bebê, produção de materiais pedagógicos, atividades domésticas e outras, alegria, preocupação, medo, euforia, ansiedade... Em outro tempo eu teria trancado a disciplina de Estágio Supervisionado IV pelo receio de não conseguir enfrentar todos os desafios que apresentavam-se. Mas ousei romper limites. Não foi fácil, mas dentre tantos aprendizados, descobri que tinha força além do que imaginava.

⁴ Os relatos de aula constam no Relatório de Estágio Supervisionado IV os quais poderão ser acessados por meio do link: [Relatório estágio IV FINAL - Madalena.docx.pdf](#)

Quadro 02: Recorte - Relato de Aula 08

Amanheci com dores. Levantei, não abri mão do meu tempo de leitura bíblica e oração. Decidi não ir para a academia, mas fiz Pilates em casa e treino hipopressivo usando plataforma de atividade física. Após os exercícios, senti alívio, mas durou pouco. As dores nesse tempo não eram intensas, mas a fadiga que as acompanhava era massacrante. [...] Os impactos na moto incomodavam, mas eu queria muito estar com minha turma. Entrar na Escola de Música já muda tudo. Sentei no pátio um pouco, e logo ouvi a voz de uma criança que gritou meu nome; era o R. que havia chegado. Respondi com muita alegria à sua saudação. Eu já não estava sob o peso da fadiga. [...] AA. me chamou e me entregou um papel dobrado dizendo que havia feito pra mim. Abri com muita alegria e encontrei um desenho maravilhoso com a assinatura dela. De imediato me arrepiei! Agradei imensamente, mostrei o desenho às demais crianças, e contei a ela que guardo muitas cartinhas, algumas com mais de 20 anos, e disse-lhe que também guardaria a dela com muito carinho. Seus olhinhos brilharam! [...] Saí da escola desfrutando de um bem-estar indescritível! Por alguns minutos eu havia esquecido totalmente das minhas dores e limitações. Desejei que aquele momento se perpetuasse. Eu ria de satisfação enquanto pilotava me sentindo plena, na certeza de que naquele dia havia sido a melhor professora que podia ser, eu havia ofertado tudo o que podia ofertar na vida daquelas crianças. Cada uma com sua peculiaridade é singularmente especial para mim, e juntas somos “a turma de conjunto instrumental das 15 horas”. Ainda ali na rua da escola, viajando em meus pensamentos, percebi que a dor continuava, e à medida que me afastava, ela se tornava mais latente. Antes de dormir, em meio às dores fatigantes, e de quebra, dor de cabeça, agradei mais uma vez a Deus pelo privilégio de simplesmente ser!

Baseando-me na experiência até aqui explicitada tenho alegria em dizer, sempre que possível, que dentre os meus bens mais preciosos estão os amigos. E cada amigo que caminha próximo a mim, estando perto ou não, sabe da minha exposição, das minhas dúvidas, dos meus medos. Mas sabe também que aprendi o valor de me expor, que mesmo em meio às dúvidas eu não duvido, e que enfrento os meus medos. Sim, às vezes não quero me expor, penso em duvidar, e em me render ao medo. Mas aprendi que o segredo é não estar só.

Ao longo dos anos me julguei uma musicista que talvez não fosse capaz de, como professora de Música, inspirar. Todavia, as experiências vividas em sala de aula tornaram autênticas, na minha vida, as reflexões que Larrosa (2022) me convida a fazer sobre “experiência, saber de experiência, sujeito da experiência”.



Considerações Finais

Neste trabalho foram compartilhados recortes históricos de vivências, em diálogo com teóricos, com uma professora, e com uma médica, afinal, em relação ao Relato de Experiência, de acordo com Daltro e Faria (2019, p. 230) nele se “[...] demonstra [...], histórias e a importância de haver vozes plurais para contá-la(s).”

O caminho aqui apresentado tem aclives e declives, Casa, Encruzilhada e Posto de Abastecimento, como são muitos dos caminhos que conhecemos. Mas esse caminho, é meu. Todavia, há marcas deixadas pelo percurso, e no meu próprio Ser. E esses sinais servem como indicadores de que eu afetei e fui afetada. Para mim, houve, nessas experiências, transfixação.

Prosseguirei, então, na busca constante de acrescentar formas para melhor compartilhar essa minha essência, afinal, é sobre a Música que a meu ver educa ensinando a viver, e a Educação que educando faz também cantar, tocar, silenciar, vibrar. Meu ponto de partida foi meu lar, formado por quatro pessoas, em um espaço geográfico limitado. Hoje não tenho como enumerar as pessoas que fazem parte da minha história, muito menos dimensionar os lugares onde pegadas já deixei. O que sei é que aquele quintal imenso da minha casa na infância se transformou num mar para onde correm os rios que brotam do meu ser, e nesse mar ressoa ela, a Música: cantada, tocada, apreciada, dançada, transmitida, repartida, criada, desenhada, eternizada. Tudo, sem dúvida, contribuiu para que eu chegasse até aqui, mas não apenas até aqui. Desde que eu me mantenha inspirada e inspirando irei além, educando e musicando, aprendendo, ensinando, vivendo e sendo.

Referências

ALCÂNTARA, Gerliane Carvalho de; AGUIAR, Cristiana Carla Medeiros de; MONTEIRO, Kátia Cristine Cavalcante. A vivência de mulheres com lúpus eritematoso sistêmico. *Revista de Psicologia*, v. 2, n. 1, p. 78-85, 11 dez. 2015.

ARAÚJO, Adriana Dias; Traverso-Yépez, Martha Azucena. Expressões e sentidos do lúpus eritematoso sistêmico (LES). *Estud. psicol. Natal* ; 12(2): 119-127, maio-ago. 2007 Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-474124> Acessado em: 06 jul. 2023

BONDER, Nilton. *Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro; com trechos de entrevista realizada por Tania Menai*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

CASSIANI, Yalexis Cecília Rondón; ALMEIDA, Jéssica de. Movimento (auto)biográfico da educação musical no Brasil: percorrendo brevemente sua primeira edição. *Diálogos Sonoros*, v.1, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/30965>.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29664> Acessado em: 18 jun 2023.

FIORIN, José Luiz. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 5, n. 2, p. 1-15, 2007 Tradução . . Disponível em: [http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=casa&page=article&op=viewFile&path\[\]=541&path\[\]=462](http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=casa&page=article&op=viewFile&path[]=541&path[]=462). Acessado em: 10 abr. 2023.

FRANCISCO, Ana Lúcia. Resgatando o afeto. *Bol. psicol, São Paulo* , v. 55, n. 123, p. 168-176, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 07 mai. 2023.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: o ofício de professor*. Tradução Cristina Antunes. 1. ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LEITE, Jaqueline Câmara. *Caminhos do repertório na formação de professores de música: um estudo sobre o PROLICENMUS*. Salvador, 2018.

LÚPUS ERITEMATOSO SISTÊMICO. Sociedade Brasileira de Reumatologia. Cartilha. Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/doencas-reumaticas/lupus-eritematoso-sistemico-les/> Acessado em: 09 de mai de 2023.

MARTINS, Catarina de Sousa Certal. Impacto do suporte social e dos estilos de coping sobre a percepção subjectiva de bem-estar e qualidade de vida em doentes com lúpus. Psicologia.com.pt, 2007.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. Pedagogias em educação musical. Curitiba. Ibpx, 2011. (Série Educação Musical).

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. Pedagogias brasileiras em educação musical. (Org.) Curitiba: InterSaberes, 2016. (Série Educação Musical).

MELO, Rodrigo Alves. A afetividade na educação musical: um estudo em dois centros de referência de educação infantil em João Pessoa-PB. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2016.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ciência & Educação, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OLIVEIRA, Alda. Abordagem PONTES na formação continuada de professores de música: apostila curso ABEM, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://aldadejesusoliveira.blogspot.com/search/label/Abordagem%20PONTES> Acessado em: 13 jun 2023.

PENNA, Maura. Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música. Porto Alegre: Sulina, 2017.

PEREIRA, M. Graça; DUARTE, Sílvia. Fadiga intensa em doentes com lúpus eritematoso sistêmico: estudo das características psicométricas da escala da intensidade da fadiga. Psicologia, Saúde e Doenças, v. 11, n. 1, 2010, p. 121-136. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, Lisboa, Portugal.

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. São Paulo: Moderna, 2003.